

A arte de voar em prosa e verso



Organizadores:
Adriana Bellintani
Anderson Luiz da Silva
Alyandra Vidal

Escola Preparatória de Cadetes do Ar

A ARTE DE VOAR EM PROSA E VERSO

ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DO AR

COMANDANTE DA AERONÁUTICA
Tenente-Brigadeiro do Ar Antonio Carlos Moretti Bermudez

COMANDANTE-GERAL DO PESSOAL
Tenente-Brigadeiro do Ar Luís Roberto do Carmo Lourenço

DIRETOR DE ENSINO DA AERONÁUTICA
Major-Brigadeiro do Ar Rui Chagas Mesquita

COMANDANTE DA EPCAR
Brigadeiro do Ar Mauro Bellintani



Escola Preparatória de Cadetes do Ar
Rua Santos Dumont, 149 – Bairro São José
CEP 36205-058 – Barbacena – MG – Brasil
Email: scs.epcar@gmail.com
Telefone (32) 3339-4018

ORGANIZADORES
ADRIANA IOP BELLINTANI
ALYANDRA VIDAL
ANDERSON LUIZ DA SILVA

A ARTE DE VOAR EM PROSA E VERSO

1ª EDIÇÃO

Barbacena – MG
Escola Preparatória de Cadetes do Ar
2019

Editado pela Escola Preparatória de Cadetes do Ar.

Todos os direitos reservados aos autores, na forma da Lei.
A reprodução não autorizada dessa publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais.

Os artigos publicados são de responsabilidade exclusiva dos autores: as
opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o
pensamento da Escola Preparatória de Cadetes do Ar.

Revisão ortográfica: Arioivan da Silva Martins, Daniel Monteiro Neves,
Edilson dos Santos, Emiliana Ladeira, Marcelo Pereira Machado, Núbia
Damasceno

Capa: Cap Alawyr Wensley de Resende

Logomarca dos 70 anos da EPCAR: Aluna Fabiane Mayra Ramos

Diagramação: Cabo Eli Carlos Ferreira

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

B444a Bellintani, Adriana Iop
A arte de voar em prosa e verso / Adriana Iop Bellintani, Arnaldo José de
Oliveira, Beatriz Ramos dos Santos Feitosa, Caio Fábio da Silva
Machado, Cristiano Sóstenes Dornelas Carvalho [et al.]. - Barbacena:
Escola Preparatória de Cadetes do Ar, 2019.
64 p.

ISBN 978-65-80300-01-3

1. Cultura e instituições.

I. Título.

CDD 306.27

Ficha catalográfica elaborada pela Escola Preparatória de Cadetes do Ar.

SUMÁRIO

Apresentação	8
Um Certo Aviador e Eu	9
Adriana Iop Bellintani – Esposa de Piloto	
Saudoso Pássaro de Aço (T-6)	11
Arnaldo José de Oliveira – Suboficial Reformado	
Subjetiva Aviação	13
Beatriz Ramos dos Santos Feitosa – Aluna 2019/084	
Voar	14
Caio Fábio da Silva Machado – Aluno 2019/105	
A Trajetória	15
Cristiano Sóstenes Dornelas Carvalho – Aluno 2017/009	
Asas	16
Davi Spinelli Mariano – Aluno 2018/054	
Gravidade Zero	18
Eduardo Pereira Dutra – Capitão Esp Aer SVA	
Asas de Sonhos	20
Ester Franciane de Oliveira – Aluna 2018/016	
Jovem Sonhador	21
Gabriel Henrique de Oliveira Lezo – Aluno 2018/163	
Ás	22
Gabriel Miguel Cunha – Aluno 2018/133	
Voar	23
Gabriela Giroto de Oliveira – Aluna 2019/012	
Decolagem	24
Gustavo Iago Juvenal Rigolon – Aluno 2018/129	
Despedida para Sonhar	25
Gustavo Martins Cerqueira – Aluno 2018/175	
Para Sempre EPCAR	26
Helena Iop Bellintani – Filha de Piloto	
Sonho de Voar	27
Icaro Oliveira Lessa – Aluno 2018/067	
Amassado	28
Igor Oliveira Dias – Aluno 2019/026	
Ser Quem Quero Ser	29
Isabella Almeida Bernardes – Aluna 2017/070	

Uma Boa Lembrança	30
Jefferson Ferreira Ribeiro Lima – Primeiro Sargento QSS BEI	
Rumo ao Infinito	31
José Bernardo Lopes Duarte – Capitão Esp Aer SVE R/1	
O Sonho que se Tornou Realidade	32
José Eduardo Ferreira Torres – Segundo Tenente Esp Aer GDS	
Sonhadores do Voar	34
Leonardo Alvarez Cunha – Aluno 2018/167	
Xeque	35
Leonardo Moraes Lins de Carvalho – Aluno 2017/063	
Canção do Exílio Epcariana	36
Lucas de Araújo Brum de Souza Guerra – Aluno 2017/119	
A Grandiosidade da Aviação	37
Lucas Pinheiro de Almeida – Aluno 2018/096	
Continuamos a Voar	38
Luigi Viol Discacciati – Aluno 2018/021	
Muito Mais que Amor	39
Luiz Antônio de Farias Mafra – Aluno 2018/148	
Realidades Emparelhadas	40
Luiz Henrique Lemes Ximenes – Aluno 2018/161	
Experiência	41
Márcio José da Costa – Recruta 2ª Turma 2019/07	
Céu	43
Marcus Tavares da Silva – Aluno 2017/008	
Passarinho	45
Marcus Tavares da Silva – Aluno 2017/008	
Voejar de Uma Menina	47
Maria Luíza Almeida Fontes – Aluna 2018/004	
Tangão	48
Matheus Alves Rollin – Aluno 2018/124	
Só o Começo	49
Matheus Costa de Oliveira – Aluno 2017/026	
Atenção!	50
Matheus de Araújo Brum de Souza Guerra – Aluno 2017/004	
Saudade na Asa Esquerda	52
Matheus de Araújo Brum de Souza Guerra – Aluno 2017/004	
Pagação de Mistério	53
Mauro Bellintani – Brigadeiro do Ar	

Sec Itur Ad Astra	56
Pedro Rafael de Andrade – Aluno 2018/105	
Salvo Vidas!	57
Ronald de Souza Leão – Terceiro Sargento QESA BMA	
Liberdade de Voar	61
Stephany Sobral da Conceição Bento – Aluna 2018/164	
O Céu é Nosso Lar	62
Willian Gustavo de Oliveira dos Santos – Aluno 2018/088	
Missão dos Altivos	63
Yuri Alekseyevich de Araújo Batista – Aluno 2018/081	

Apresentação

“A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”. (Roger Chartier)

A arte de voar em prosa e verso nasceu do desejo de registrar os mais variados significados de voar presente no imaginário e na realidade daqueles que se dedicam aos céus e à Força Aérea Brasileira, bem como a todos os outros que mesmo sem a operacionalidade de voar, engajam sua vida fornecendo o suporte necessário aos nossos pilotos e às mais variadas missões.

Neste outubro de 2019, junto a todos os outros eventos comemorativos ao Dia do Aviador, data máxima para a Força Aérea Brasileira, dedicamos este trabalho escrito a muitas mãos a todos aqueles que alçam voo para o combate, o apoio e a ajuda humanitária.

Nesta obra reunimos a inspiração de nosso efetivo – em especial dos nossos alunos – e de alguns civis que gravitam em torno dos desígnios da necessidade de serviço. Ou seja, pessoas que direta ou indiretamente tocam e se deixam tocar pelo sublime e apaixonante espírito de pertencimento a uma nobre causa e a uma nação.

A Escola Preparatória de Cadetes do Ar, ao instruir seus alunos para o ingresso na Academia da Força Aérea, se preocupa com a produção acadêmica e a arte da escrita. E em conjunto com um quadro de professores de excelência desafia e impulsiona os seus alunos e seu efetivo a se arrisquem no ofício dos contos, crônicas e versos.

Esperamos que o leitor, ao navegar neste livro, consiga manter contato com os sonhos e ideais destes jovens que almejam dedicar sua vida ao cumprimento da missão e aos mais desafiadores interesses de nossa Força Aérea.

Adriana Iop Bellintani

UM CERTO AVIADOR E EU

Adriana Iop Bellintani

Nos pagos de Santa Maria
quando ainda era guria
conheci um jovem Tenente
que me conquistou rapidamente.

No afã do inesperado
o Centauro muito apaixonado
em curto espaço de tempo
pediu-me em casamento.

O Tenente se tornou Capitão
e afastou-me do meu torrão
agilidade, destreza e combate
do treinamento do tiro de aviso ao abate.

Os supersônicos imponentes
os alertas e os serviços frequentes...
que horas aprazíveis a memória estampa
pois os melhores ainda são Pampa.

Ascendeu a Major em Brasília
e para plena alegria aumentou a família
chegou a mais que esperada Helena
minha linda flor de açucena.

Ao conduzir os que conduzem nossa Pátria
atuou nas mais diversas rotas tal um xátria
e então, em novo desafio, seguiu para o norte
comandando o imbatível Escorpião com pulso forte.

Na defesa da soberania hegemônica
em plena Floresta Amazônica
o Coronel combateu crimes de fronteira
com coragem e mira certa.

De guerreiro, soldado e caçador de tempos idos
na Inglaterra e Noruega tornou-se Adido
nos encontros internacionais trabalhou a diplomacia
e representou a Força Aérea com fidalguia.

Na capital das rosas e da loucura
comanda a EPCAR com bravura
na nascente do poder aéreo sobranceiro
passou a viver em céu de Brigadeiro.

Realizou seus sonhos da hélice à turbina
no exemplo que impulsiona e ensina
da certeza da missão cumprida
à prontidão para a próxima partida.

SAUDOSO PÁSSARO DE AÇO (T-6)

SO Arnaldo José de Oliveira

Apesar do seu jeitão severo
foi concebido com muito esmero
T-meia, plagiário do “Zero”
T-meia que não cai,
porque voa muito bem,
graças ao homem-máquina
que bem o conduz também:
guerreiro, audaz e destemido
sempre leal a sua sina;
embora muitas vezes esquecido
não tendo o seu lugar merecido
T-meia, que rompe os espaços deste mundo,
sobre a terra ou sobre o mar esverdeado, frio
e profundo
o misterioso, sem fundo, que devora e vomita tudo;
mas o T-meia, rústico e pesado, contudo,
não se rende e desafia o mar bravio e mudo
pois os homens que o conduzem,
são os mais seletos guerreiros que se produzem.
T-meia, o ELO de ligação,
T-meia, DUELO de muita “vibração”,
T-meia, águia de Ataque e Observação.
T-meia, da saudosa Esquadrilha da Fumaça,
fiel aos pilotos de raça.
T-meia, manancial de emoções
Inspiração de muitas gerações
Grande avião de motor radial a explosão,
de escapamento tosco e vulcânico,
mas dócil às mãos mágicas de todo bom mecânico.
T-meia, que deu muito “pé-de-meia e paixão”
aos mantenedores e tripulantes teus.
Do T-meia, grande pássaro verde-amarelo de aço;
resta-nos o aceno de suas asas do triste adeus
do seu perfil e opulência no espaço.
Fostes o pioneiro pássaro-trovão
com o teu suado e penoso voo de instrução
ou com o ronco acrobático com forte refrão
ou daquele apático voo de navegação

a criar e sustentar
A FORÇA AÉREA BRASILEIRA
com supremacia, AT-meia-idade!
E agora, saudando a “passagem” derradeira
nós, já distantes da mocidade...
no vento das asas dos tempos,
só nos resta uma grande saudade!
DO T-6 DE MOTOR A 4 TEMPOS

SUBJETIVA AVIAÇÃO

Aluna 2019/084 Beatriz Ramos dos Santos Feitosa

De fato, voo é Liberdade
Liberdade, digo, felicidade e receio
Aquilo que tu fazes sorrindo
E, aos sorrisos, sentes calafrios em meio.

De fato, aviador voa
Óbvio, não? Tu te enganas
Todo aquele que arrisca com coragem
Que faz tua paixão e conquista a própria liberdade
Tem direito de tal título
Não necessitas do céu como paisagem.

Já soubeste que céu é subjetivo?
Voa até o teu, então
Desvenda, arrisca, liberta-te
Anseia, conquista, completa-te
Enfim, viaja ao teu manche
Parabéns, grande aviador!

VOAR

Aluno 2019/105 Caio Fábio da Silva Machado

Voar.
Ah, voar!
Como bom é voar.
Não, nunca voei.
Mas senti, sinto e sentirei.
Sim, senti.
Sentir.
Ah, sentir!
Se apaixonar, sair de si.
Paixões, poucas tive.
Mas uma paixão, em mim, vive.
Nunca morre e sempre revive.
Minha paixão é voar.
Voar.
Ah, voar!
Como bom é voar.

A TRAJETÓRIA

*Aluno 2017/009 Cristiano Sóstenes **Dornelas** Carvalho*

No início era tudo novidade.
As conquistas eram as metas
nesta nova cidade.
Platinas, broches e competições.
Todo mundo queria, mas ninguém era rei
e no meio do turbilhão de emoções,
falaram-me uma frase que não acreditei.

O peso nos ombros aumentou.
Agora, era realidade
já não são mais os mesmos meninos
na famosa cidade.
Cargos, broches e competições.
Como era ser só mais um que queria?
E no meio do turbilhão de emoções,
no meu ouvido a frase explodia.

O fim trouxe a ansiedade.
Parar o tempo é a meta
na saudosa cidade.
Irmãos, amigos e competições
na forma de mensageiro, o vento traz as boas.
Até hoje não me acostumei com as emoções
“ e no final, o que importa são as pessoas”.

ASAS

Aluno 2018/054 Davi Spinelli Mariano

Estamos em plena parada diária do corpo de alunos. A tensão e a vibração no ar são palpáveis. O desejo pelo alcance do padrão é inerente ao aluno. Uma corneta. Um toque alongado. É o pavilhão nacional que está sendo hasteado. O símbolo máximo de nossa nação, que encerra, “no conteúdo grandioso de sua simbologia, a própria alma da nacionalidade vibrante, determinada e esperançosa”.

De repente ouço um som. Um ronco de motor rasgando os ventos. A melodia de seus pistões. É estridente. É ensurdecedor. Mas que aeronave é esta que provoca tamanha retumbância? Que é capaz de estremecer a terra e fazer vibrar os mais fracos corações? Será um caça? Será um helicóptero? Será um tangão? Sim! Um tangão! Sobranceiro em pleno ar. Comandado pelos cavaleiros do século do aço, é imponente em suas asas de fogo. As asas! De repente, como se o mundo parasse, como se tudo se tornasse mais lento, me vejo em um estado de devaneio profundo.

O que são as asas para a humanidade? O que são aos homens essa maravilha da natureza, modelada pelo próprio criador e entregue às aves para que dominem os ares? Me lembro de Ícaro e Dédalo. Presos pelo rei Minos no labirinto, ambos recorreram às asas para encontrar sua liberdade. Mas só havia um problema, as asas, feitas de penas e coladas com cera, não podiam chegar muito perto do mar nem do sol. Ícaro, filho de Dédalo, voou alto demais e a cera das asas aqueceu. Caiu. É, asas de penas não dão muito certo.

Vem de imediato à mente a figura de Bartolomeu de Gusmão. Padre e inventor brasileiro (mesmo que não existisse um Brasil naquela época), foi o criador do balão. Parece que o destino já tinha escolhido o Brasil para conquistar os ares. Mas há um problema. Além de ser muito pequeno para carregar o homem, o balão não tem asas! Ele não pode ser controlado.

Por fim, imagino Santos Dumont. Brasileiro invicto. Marechal por honras. Criador do primeiro objeto mais pesado que o ar a voar por meios próprios. Esse sim tinha asas imponentes. 4, para ser exato. Voou em Bagatelle, Paris, e entrou para a história do mundo. A partir daquele momento, conquistamos os ares. Nada pode nos parar. Dali em diante, enfrentamos nuvens, chegamos às estrelas. Dumont declarou o céu como nosso por direito. O altar da humanidade, a ser explorado pelos bandeirantes do ar na divina missão de conquistá-lo. A partir desse voo tudo mudou.

As asas de seda aos poucos foram dando lugar às de metal. Os voos passaram dos 30 para os 300 km/h. Agora o avião não era só uma novidade. Era vital. Cruzar os oceanos, transportar objetos, conduzir pessoas, levar vida. O avião agora é uma necessidade. E quando as guerras mundiais começaram, eram os aviões os grandes combatentes.

O Brasil não ficou de fora das guerras. Nossos pilotos deram suas vidas pela liberdade e honra da pátria. Sempre acompanhados por suas fiéis asas. Do Catalina,

sempre vigilante, a proteger nossos oceanos; do Thunderbolt a rasgar os céus da Itália, comandado pelos expedicionários e pioneiros da FAB. Pioneiros como o Cel. Nero Moura, o patrono da caça; Danilo Moura, exímio piloto que, mesmo atrás das linhas inimigas, conseguiu o feito incrível de, por mais de 120 km, retornar para a segurança; o Ten. Torres, com suas 100 missões, entre outros heróis que combateram pela nação.

Estes mesmos pilotos que trouxeram terror aos inimigos em batalha, no Brasil trouxeram o progresso. Desde o Correio Aéreo Nacional, que ligou os mais distantes rincões do Brasil à civilização, ao transporte de órgãos vitais, que já salvou a vida de milhares de brasileiros, até os pilotos do SAR, que entregam suas vidas à missão de salvamento, para que outros possam viver.

Sempre acompanhados de suas fiéis asas, os pilotos brasileiros forjaram a história do Brasil, moldaram a nação e trouxeram a nós o progresso e a liberdade. Uma corneta, um toque, o pavilhão já chegou ao topo do mastro. Mais alguns toques. O desfile está prestes a começar. Com as asas em mente, meu ânimo se renova, pronto para continuar a missão daqueles que me antecederam.

GRAVIDADE ZERO

Cap Esp Aer SVA Eduardo Pereira Dutra

A força da gravidade
o piloto tem que suportar,
para num caça, poder voar.
E se um Gripen quiser pilotar,
9G terá que aguentar.

Desligar a gravidade
não podemos imaginar.
Simular sua ausência
podemos, sim, tentar.

A que recorreremos, então,
para encontrar uma solução.
A queda livre de Galileu
é uma certa decisão.

Vamos a um exemplo,
para entender a questão.
A um elevador iremos
com alguns livros na mão.

No último andar,
o elevador a despencar.
Aí vem a sensação...
seus pés perdendo o contato com o chão,
e os livros flutuarão.

Com o elevador fechado,
você irá pairar,
sem sentir a resistência do ar, pois
o ambiente sem gravidade vai ficar.

Num avião, ao cair verticalmente, de grande altura,
em queda livre, também, vai estar,
você sentirá
a grande sensação,
durante alguns segundos,
de poder flutuar,
numa simulação,
de ausência de gravidade no ar.

ASAS DE SONHOS

Aluna 2018/016 Ester Franciane de Oliveira

O prazer da liberdade
A arte de se sentir como um pássaro
Dono de si, dono de sua verdade
Nada, nem um esforço, é ao acaso.

Dormem e acordam com um único desejo
Poderem tornar-se donos dos céus
É um vício, um anseio
Poder dar nas nuvens um beijo
Entregar a alma ao azul, dele ser réu.

Somos aqueles que se destacam
Pela coragem, pelo amor aos sonhos
Somos aqueles que fazem do desafio, objetivo
Que tornam da dificuldade, motivo
De ser cada dia mais forte.

Sou aquele que se arrepia com o barulho do motor
Só sabem da sensação os que sentem o desejo
De, na história da sua vida, o voo compor.

Que Deus abençoe a mão desses
Que não fazem por vão interesse
Fazem por amor e se inspiram a cada dia
São artistas que enchem o coração de alegria
Quando pensam no que é voar.

JOVEM SONHADOR

Aluno 2018/163 Gabriel Henrique de Oliveira Lezo

Jovem sonhador
Vejo em você paixão e amor
De um dia pode, com ardor,
Se tornar um audaz aviador.

Não tenha medo.
Para correr atrás do sonho nunca é cedo
Nem precisa na vida de um elaborado enredo,
Mas precisa, com certeza, mexer mais que um dedo.

Não sou profeta,
Mas, se quiser atingir a sua meta,
Tem que parar de se deixar na reta
E ascender como de um arqueiro uma seta.

Como é bom sonhar
Mas bem melhor ainda realizar
Então, se quer ser livre em meio ao ar,
Deixa o ninho, águia, e põe-se a voar.

ÁS

Aluno 2018/133 Gabriel Miguel Cunha

E o homem
com suas asas de ferro, aço
alcançou sua liberdade no espaço
e aos astros conseguiu chegar.

Era uma sensação única,
se sentia um condor
cortando as nuvens com ardor,
ouvindo o vento sibilar.

Com o frio na barriga
e um aperto no peito
mas o piloto, já afeito
ele morreu para o ar.

VOAR

*Aluna 2019/012 Gabriela **Giroto** de Oliveira*

Controle do manche
com bela paisagem
um local distante
mais uma viagem.

Ao alto se destina
quem em si confia
seja noite ou dia
ala em companhia.

Espera da hora
a cada partida
a seguir a rota
certeza só da ida.

Transporte de tropa
resgate da escolta
patrulha na rota
e caça na volta.

Vir da Escola do Ar
ou da Academia.
Jovens vão voar
voar todo dia.

Pátria defender,
pensar no Brasil,
por ele morrer,
Ó pátria gentil.

DECOLAGEM

*Aluno 2018/129 Gustavo Iago Juvenal **Rigolon***

Como um passarinho
ainda menino
muito cedo sai do ninho
e traça seu destino.

Olha para o alto, a grande imensidão
pertence às nuvens o seu coração
antes de voar
vive, estuda e sonha na EPCAR.

Defendendo a nação
sonho torna-se realidade
descobre a felicidade
pilotando seu avião.

DESPEDIDA PARA SONHAR

Aluno 2018/175 Gustavo Martins Cerqueira

Eu venho de um lugar distante, de uma terra muito bela, rica e acolhedora. Ela é o lar de exuberantes paisagens, com seus chapadões, cachoeiras, campos, cerrados, selvas e pantanais; casa de fascinantes animais, onças, jacarés, tucanos, tuiuius, harpias e muito mais. Sua música, sua cultura, seu povo: esse é o meu Mato Grosso.

Um dia, saí de lá, deixei o calor e o amor de casa para ir a um novo e longínquo lugar. Cidade fria, cheia de morros, pessoas diferentes, não conhecia nada, nem ninguém. Mas consegui me acostumar, fui muito bem recebido e acolhido nessa nova morada, mas ainda sempre sentindo saudade de Cuiabá.

Foi difícil te deixar, entretanto você que me fez sonhar com os belos cantos de seus pássaros, aqueles que cortam os céus de anil. Imaginei um dia também poder naquele azul dançar. Troquei então o cantar do bem-te-vi pelo roncar do T-25, pelo assovio do F-5, aves de metal que dão asas aos perspicazes e esperança aos sonhadores.

Hoje eu consegui chegar a EPCAR e um dia cadete eu vou virar, como um maestro comandando sua sinfonia, ou um domador domando sua fera, eu irei pilotar, vou comandar essa ave tão feroz e cobiçada. Serei um cavaleiro do ar e realizarei este sonho que é voar.

PARA SEMPRE EPCAR

Helena Iop Bellintani

Eu sou a nascente do seu sonho,
Sou o tempo que te fez mudar,
Sou o desafio que superou,
Sou aquela que nunca deixará de amar.

Às vezes, sou a tristeza da despedida,
Outras, a alegria de voltar.
Sou a emoção dos seus olhos,
Eu sou o seu segundo lar.

Você vem ao meu encontro,
Sabendo que irá partir.
Um menino eu encontrei,
E dele, um homem fiz surgir.

Momentos que não voltam mais,
Estão por todas as minhas esquinas,
Levarei-o sempre na lembrança,
Quando sua missão aqui termina.

Seu chapéu voa para o alto,
Sobre meu solo, lágrimas irão cair,
Nos ares logo você estará,
É por esta razão que o deixo partir.

No ninho, você renascerá,
Meu grande guerreiro do ar,
Sou a nascente do seu sonho,
Sou aquela a quem sempre poderá voltar.

E não importa onde você estará,
Seja no céu, na terra ou no mar,
Saudades irei sentir,
Também nunca o deixarei de amar.

SONHO DE VOAR

Aluno 2018/067 Icaro Oliveira Lessa

Peguei um antigo sonho de alguém
e o coloquei dentro de mim,
e o transformei, me transformei no meu sonho,
meu sonho de voar.
Voar para bem longe
e pousar em qualquer lugar.
E no mar
ver os barcos como pequenas formigas,
e as nuvens como pedaços de algodão,
e de casa sentir saudade,
porque lá deixei meu coração.
De lá eu parti,
não sem antes sorrir e chorar,
pra viver um sonho,
meu sonho de voar!

AMASSADO

Aluno 2019/026 Igor Oliveira Dias

Alguns usam o velho Black'n Decker preto; outros possuem modelos de ferro mais modernos com o recurso milagroso: o vapor! De fato, reconheço que são as tecnologias militares mais úteis desenvolvidas pelos seres humanos, já que a apresentação pessoal em desalinho é considerada transgressão disciplinar, segundo o Regulamento Disciplinar da Aeronáutica.

Durante as noites frias, nos quartéis, o objeto, quente, atua como um rolo compressor, percorrendo caminhos tortuosos, depressões graves e desbravando relevos de origens duvidosas para que o fardamento fique liso. Geralmente, minhas noites, como passador, transformam-se em madrugadas devido à falta de atenção que, quando me toma, faço ao mesmo tempo uma dobra desaparecer e outras duas surgirem. Creio que, com uma correção nos novos negligentes, o problema é resolvido, porém, na maioria das vezes, é apenas o início de mais uma revolução de amassados que se levantam na multidão de linhas para desafiar o poderoso militar. Por fim, às vezes com maior dificuldade, venço, suprimindo cruelmente os revoltosos.

Ontem, quando estava sendo revistado pelo meu auxiliar, fiquei estático, bem como você já deve ter ficado em situações parecidas, torcendo para agradar o mais antigo e não ser advertido. Já tinham se passado 10 infinitos segundos de análise de farda, quando, adivinha? Recebi a triste notícia:

- Você! Sua calça é a única amarrotada da esquadrilha! O senhor está punido!
- Essas palavras do superior esmagaram minhas expectativas. - Aproveita que o uniforme já está ruim e paga “dezinha”!

Fui para o alojamento de cabeça baixa, pensando sobre o que tinha acontecido. Olhei a parte em desalinho da roupa, pensativo, e resolvi passar a farda com castigos mais leves às partes ruins, esfregando o ferro suavemente, pois, talvez, eu também seja um amassado, no meio da esquadrilha homogênea.

SER QUEM QUERO SER

Aluna 2017/070 Isabella Almeida Bernardes

Soa o alarme. Desperto otimista. Ontem mesmo fiz aquele pedido para Deus. Arrumo a cama. Escovo os dentes. A imagem no espelho aconselha: “mais um dia, mais uma oportunidade”. Barba feita. Visto o uniforme. “Bom dia”. Cafeína no sangue. Caderno, caneta, anotações e frustrações. “Atenção”. Chega o professor. Português. Matemática. Inglês. Pausa para motivação. Posso sentir a nobreza de marchar ombro a ombro. Posso sentir a plenitude de desfilar cantando aquelas canções. Calma, garoto, vá lá almoçar. Novamente sala de aula. Redação. Matemática. Tiro o uniforme. Bora dar uma corrida? Alma mais leve que o vento que meu rosto toca. Flexão. Abdominal. Basta por hoje. As gotas de suor se confundem durante o banho. Hora do jantar. Encontro meus companheiros no pátio. Reunião de incertezas, indecisões e ansiedade. Tão jovens! Tantas responsabilidades! Mergulho nos números. Afogo-me nas letras. Dia cansativo. Exaustão. Finalmente, minha cama. Reforço aquele pedido para Deus. O concurso da EPCAR já é na próxima semana. Um sonho alimentado desde muito cedo. Pode anotar aí: um dia ainda cruzarei aqueles portões. E assim nascerá mais uma águia.

UMA BOA LEMBRANÇA

Sargento Jefferson Ferreira Ribeiro Lima

Gostaria de falar sobre um fato que aconteceu comigo quando eu trabalhava no Esquadrão de Transporte Aéreo (6º ETA), localizado na Base Aérea de Brasília.

Lembro que a aeronave VU-9 (Xingu) estava com uma pane no velocímetro. Era uma pane que apresentava problemas apenas quando estava em altas altitudes. Fazíamos todos os testes com a bancada para identificar o problema, mas nada. Todos os equipamentos estavam em perfeito funcionamento.

O velocímetro funciona com a entrada de ar vinda de frente da aeronave e entrada de ar nas laterais do avião. Quando fazíamos os testes, o avião estava no chão e estacionado. Assim que decolava e ganhava altitude, a aeronave vibrava muito. Identificamos que uma tubulação que ligava uma das entradas de ar das laterais estava atritando em uma superfície metálica, que chegou a furar essa tubulação. A bancada de testes não apresentava o problema, pois o furo estava vedado com a estrutura de metal. Mas, quando o avião decolava e a vibração da aeronave deixava escapar o ar, o velocímetro fornecia uma indicação errada.

O que fazer diante daquela situação? Tivemos que trocar toda a tubulação.

Lembro-me até hoje da emoção que foi encontrar o problema. Aquele furo que estava escondido, mas um olhar detalhista para examinar a tubulação e encontrar a solução foi fantástico.

Não me lembro bem do ano quando aconteceu esse fato – pode ter sido em 2002. É muito bom ter essa lembrança e poder falar hoje sobre esse acontecimento tão bacana.

Vai, Xingu, vai voar de novo.

RUMO AO INFINITO

Cap Esp Aer SVE R/1 José Bernardo Lopes Duarte

Aviãozinho de brinquedo.
Não poderia imaginar
Que isso me despertaria
O nobre ofício de voar.
Um sonho em mim se formou:
Em um dia de céu lindo
Rasgar as nuvens como um raio
Rumo ao infinito.
Sonho tão distante assim,
Para tentar realizar,
Concurso resolvi prestar
Para a distinta EPCAR.
Extasiado, eu soube
Da minha aprovação!
Comecei o caminho
Da minha realização.
Três anos se passaram
Com muito estudo e vibração.
Estava pronto de fato
Para minha próxima lição.
Agora mais confiante
Na Academia eu estava,
Meu coração pulsando alegre
E minha mente concentrada.
Chegou o grande dia!
Só, no avião garboso entrei,
Trêmulo e maravilhado
Os motores liguei.
Minhas asas livremente abri,
No solo incertezas deixei,
Nada mais me prendia.
Bem fundo suspirei.
Deslizei suave de início,
Estava feliz e sorrindo,
Finalmente ganhei altura
Rumo ao infinito.

O SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE

2º Ten Esp Aer GDS - PASTOR 177 – José Eduardo Ferreira Torres

Desde minha infância, sonhava em ser militar e usar farda. Quando a TV exibia matérias referentes às atividades desempenhadas por esse seleto grupo de profissionais, eu ficava atento a cada detalhe da reportagem, sobretudo quando assunto era sobre a Força Aérea Brasileira.

Como não existia nenhuma organização militar da FAB em minha cidade, eu me alistei no Exército Brasileiro e fui servir na Brigada Paraquedista no ano de 1990. Eu tinha plena consciência de que, ao realizar o curso PQD, realizaria o sonho de voar nos aviões da aeronáutica. Nesse sentido, as expectativas cresciam constantemente, não podia esconder o quanto estava ansioso e ao mesmo tempo a felicidade fazia meu coração pulsar mais forte. Finalmente, em junho do mesmo ano, tive a grande satisfação de entrar na aeronave C-115 Búfalo; minha alegria era tão grande que o medo de saltar de paraquedas pela primeira vez foi dissipado.

Depois disso, continuei por mais dois anos nas fileiras do exército. O 26 BIPQDTt, unidade em que eu servia, tem o limite lateral esquerdo junto à Base Aérea dos Afonsos. Por muitas vezes, quando estava de serviço de sentinela, observava os inúmeros pousos e decolagens realizados naquela base. Isso aumentava o sentimento de fazer parte do efetivo da FAB.

No ano de 1994, consegui, por meio de concurso, ingressar na Aeronáutica. Nessa nova fase da vida, soube que poderia fazer parte do Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento (EAS), mais conhecido como PARA-SAR. E, a partir disso, realizar a nobre missão de resgatar vidas. Esse desejo foi adiado por alguns anos, haja vista que na minha turma de formação da Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR) não havia vagas designadas para o EAS. No entanto, a esperança e a vontade de "ser um PARA-SAR" continuavam vivas.

No ano de 2003, finalmente fui transferido para o EAS. Minha alegria era imensurável, mas ainda tinha um grande desafio pela frente: suportar os rigores da formação. Com a graça de Deus, consegui a operacionalidade máxima do esquadrão e, em consequência disso, realizar todas as missões impostas ao PARA-SAR e conquistar o título de **Pastor**, título conquistado pelo militar que alcança o nível operacional completo, obtendo êxito em todos os degraus constituídos pelos diversos cursos. É um número, e ele será incluído na ordem dos pastores. O título se deve a exemplo das características que o cão pastor alemão tem, ou seja, todas as qualidades que um militar de operações especiais deve ter: adestrado, amigo, leal, vigilante e, se necessário, agressivo.

Durante um período de felizes 15 anos, tive a oportunidade de realizar muitos adestramentos e missões pelo PARA-SAR, inclusive em outros países. Quero destacar a que marcou profundamente minha vida: a participação na operação de resgate das vítimas do voo 1907 Gol. Eu já havia participado de outros resgates, mas

nada pode se comparar aquilo que presenciei. Depois desse grande evento, minha vida mudou em muitos aspectos, tive a certeza de que Deus estava comigo para me ajudar a concluir aquele trabalho junto com os meus irmãos de farda e gorro laranja.

Por fim, agradeço minha família por ter suportado minha ausência, meus instrutores que me ensinaram o que fazer e como fazer, a Força Aérea por ter me acolhido, ao PARA-SAR por ter me proporcionado tantas alegrias, e a Deus por ser o senhor de minha vida.

"NOSSA LIDA, VOSSA VIDA!"

SONHADORES DO VOAR

Aluno 2018/167 Leonardo Alvarez Cunha

A magia de voar,
Tão jovens e sonhadores,
Sonhadores de alçar voos mais altos,
Mas tão altos quanto o céu,
Até onde Deus deixar.

Não se sabe a aviação,
Há apenas vibração,
Carregando um grande amor;
Há de haver muito vigor
Para voar com emoção.

Moral que os constrói,
Tão jovens e sonhadores.
Ao abandonarem os lares,
E à Nascente chegarem
Para com os pássaros voarem.

Não há de se pensar,
Que é fácil conquistar.
Mas deve sempre recordar,
Tudo que já se passou
Para um dia concretizar.

Ao cumprirem com orgulho
O sonho de aviador,
E com muita galhardia
Até dar a sua vida
Pela arte de voar.

XEQUE

*Aluno 2017/063 Leonardo Moraes **Lins** de Carvalho*

Medo? Nunca tive.
De início, para mim, nada mais
que o ronco do motor
além dos procedimentos formais.

Me lembro de quando eu era menino...
Para chegar até aqui foi difícil,
mas não impossível.
E agradeço por seguir esse destino.

Por muito tempo esperei esse momento
e com muitas pessoas eu gostaria de compartilhar esse sentimento.
Nunca esqueço de onde eu vim, o ponto para a história começar
e sei que um dia para lá eu vou voltar.

A vida me presenteou com a mais bela arte
com tantas boas memórias, é difícil que eu guarde
diferente dos outros, eu não fecho os olhos para sonhar,
pois agora, eu vou voar.

CANÇÃO DO EXÍLIO EPCARIANA

*Aluno 2017/119 Lucas de Araújo **Brum** de Souza Guerra*

Minha terra tem rosas
Onde toca a corneta
E as almas que lá vivem
Têm como arma a caneta

A vida lá é simples
Não precisa de excessos
Mas se um amassado aparecer
Com vigor alinha o ferro

Em breve as almas voarão
Como também voa o tempo
Superando as incertezas
Alinhadas com o vento

Pois aqueles que estiveram
A pisar um dia lá
Terão uma coisa em mente
Para sempre EPCAR

A GRANDIOSIDADE DA AVIAÇÃO

*Aluno 2018/096 Lucas **Pinheiro** de Almeida*

No começo eu era tecido
Depois fui de madeira;
Agora, estou evoluído,
Não sou mais dessa maneira.

Por cima dos morros,
Também pelos sete mares,
Perto do homem eu tiro os gorros
e os atiro pelos ares;
Se queres sentir a adrenalina pura,
te levarei para as alturas.

Meu pai trabalhava o dia inteiro
Para conseguir me inventar;
Além de me fazer brasileiro,
também me fez voar.
Foi Alberto Santos Dumont
Que me deu esse dom.

CONTINUAMOS A VOAR

Aluno 2018/021 Luigi Viol Discacciati

O PREÇO DO VOO
É
A NOSSA
DEDICAÇÃO
O MEIO É, SIM,
BUSCANDO APENAS
ESTE NOBRE FIM,
A DETERMINAÇÃO.

AQUILO QUE NOS FAZ VOAR, ANTES MESMO DE TENTAR,
É O SONHO DE COLOCAR EM PRÁTICA, NÃO IMPORTA A MATEMÁTICA,
O QUE NÓS NOS CONTENTAMOS, QUANDO OS PÁSSAROS OBSERVAMOS,
EM APENAS
CONTEMPLAR.
SE O TEMPO,
OU MESMO A PRÓPRIA VIDA,
NOS APRESENTA DIFICULDADES,
EM QUALQUER QUE SEJA A TEMPESTADE,
NÓS
CONTINUAMOS
A VOAR!

MUITO MAIS QUE AMOR

Aluno 2018/148 Luiz Antônio de Farias Mafra

Sair desde cedo de casa
Da família se distanciar
Buscar entre montanhas e o céu de anil
Um lugar para chamar de lar

Todo esforço e sofrimento
Um dia será recompensado
Só de poder olhar para trás
E ver aonde tem chegado

Assim como um artista
Que pinta a sua tela
Realiza a arte do voo
Dedicando sua vida a ela

Voar junto aos pássaros
Forte e rápido como um condor
Sentir o cheiro das nuvens
E lembrar daquele amor

E no dia esperado
Por mais que velho e cansado
Partirá realizado
Pois um dia já voou

REALIDADES EMPARELHADAS

Aluno 2018/161 Luiz Henrique Lemes Ximenes

Hugh Alex, de 16 anos, acabara de completar a segunda atividade de campanha. Acometido por imensa dúvida, seu sonho de um dia desbravar os ares do mundo afora estava em xeque. Abriam-se novas portas e caminhos frequentemente, e o garoto não conseguia definir qual deles trilharia.

- Hugh, verifique essa resposta, por favor. – Dissera-lhe um amigo.

Além de extrovertido e talentoso, era um dos mais inteligentes de sua classe, rendendo-lhe posição de destaque entre seus pares. Em diversas situações, era a referência, o ponto forte, uma válvula de escape. Todavia, essa intrigante incerteza deixava-o desconfortável e triste, a medida que os dias passavam.

- Tenho certeza que, acho que errou em algum cálculo da questão.

Hugh, sobretudo, sabia que somente ele próprio tinha a oportunidade de finalizar esse momento de fragilidade emocional e psicológica, e viver por um louvável ideal. Entupido de dicas e conselhos, num dia chuvoso, iniciou uma reflexão acerca de seu improvável futuro. Ciente que sua carreira integrava uma complexa partida de xadrez, teria de sacrificar muitos desejos e bens para sair vitorioso; e lá se foi.

Começando pelos peões, chegou a territórios antes nunca pisados, e encontrou as primeiras barreiras. Mexendo rapidamente suas torres e bispos, inferiu jogadas precipitadas, e logo encontrava-se em desvantagem. A saudade do lar e familiares apertava demasiadamente, e para vencer tal desafio, teria que abrir mão de sua dama. Após esse marco, entendeu o quanto pesavam suas escolhas e atitudes, juntamente com as consequências corroboradas.

A medida que pensava e refletia, a partida e seu tempo aproximavam-se do fim. Num momento oportuno, viu-se pressionado pelo adversário, necessitando de uma medida drástica; um xeque-mate. Eram duas realidades emparelhadas.

- Acorda pra vida, Hugh! – advertiu o amigo, percebendo seu constante silêncio.

Num estalar de dedos, Hugh tivera a mente iluminada. Por um momento, tudo parecia mais evidente e compreensível. Enxergara o invisível, e sentia firmeza em suas atitudes. Finalmente, decidiu suas hesitações: queria ser piloto de avião.

Uma carreira exímia, uma esplêndida trajetória. Essa sofisticada escolha, indubitavelmente, lhe proporcionaria momentos únicos e extraordinários sobre duas asas, na qual jamais encontraria em outro lugar. Ademais, seu maior desejo era ser feliz e afortunado em sua caminhada terrena. Voando, agora tinha a certeza de que estava no local e tempo corretos. Era um sonho realizado.

EXPERIÊNCIA

Recruta 2ª 2019/07 Márcio José da Costa

Venho não de muito longe,
De onde venho, o ar puro é riqueza,
Andar ao ar livre da maneira que bem entender,
Descalço, cabelo despenteado, andar pelos “trios” do gado

E do nada, nos ares surge um barulho diferenciado,
A gente imagina ser helicóptero ou avião,
O olhar atento contra os raios solares,
Marca o reflexo do gigante de aço.

Em poucos segundos entre os pinheiros e gaviões,
Com luz brilhante e piscante, “o gigante” nos chama atenção,
E como comum de todo matuto, a humildade prevalece,
E curiosidade surge a beça em cada ocasião.

Rapidamente, corre, corre os familiares pronto a comunicar
Pois ninguém imaginaria, aquela aeronave ali a sobrevoar,
Naquela “muvuca”, pai correndo daqui
Mãe saindo dali, porta prestes a abrir.

E para meus irmãos, olhar pela janela foi única opção,
E a partir daí, surge a expedição,
Em busca do conhecimento e surgimento daquele avião,
Primeiramente, por curiosidade.

Acostumado no campo, lidar com animais
Contato urbano, nunca foi seu preferencial.
Imaginando seu primeiro pano,
Lembrou-se da herança de seu pai.

Claro, herança sentimental
Confiar em poucos e andar a só
Faça mistério, mas demonstre o quão necessário for
Mantenha seu nome e gratidão pelo que fora e será.

Família diferenciada, oito integrantes,
Nada de semelhante, muito se admiravam,
Mas fazer o que, o importante que essa batalha
Meu pai não deixou de vencer.

Acostumado a trabalhar em lavoura
O garoto era comentado,
Muito de seus colegas escolheram endereço errado,
Nem por isso ficaram de fora.

Porém, o comentário era sobre fatos contraditórios,
Diziam que praticar atos não fundamentados era interessante,
Faltar de aula, “coisas diferentes”, experimentar era legal
Hino nada sei, meu “espelho” era outro.

Ingressar na Força Aérea Brasileira era a meta,
Cheguei, agreguei no conhecimento,
Aprimorei, disciplina e hierarquia a todo instante,
Rotina diária, só encara os verdadeiros infantes.

Onde estou, poucos sabem,
Seguindo as palavras de meu pai, estou na caminhada,
Acreditar em você mesmo e somar nas oportunidades,
Se cheguei até aqui, muitos estão por vir nessa mesma trajetória.

CÉU

Aluno 2017/008 Marcus Tavares da Silva

Deram-me o tempo,
E eu só consegui esperar
Deram-me a esperança,
e nela, só me dava o pensar.
Deram-me a virtude.
Nela, foi feita a oportunidade,
e com eles, todos pensavam:

“O que pode faltar?”
Falta ainda o sonho-mor.
Mas o que é?
O que te falta?

Nisso, se fizeram interrogação.
O que queres mais desse sonho?
Se tens todas as condições na mão.

Deram-me tudo,
mas nesse último,
falta o ambíguo desse meu necessário.

Deram-me tudo.
Foi o que fizeram.
Mas nesses, fiz pontes.
Porque o alto.
Eu quero lá.

Quero aquela infinidade azul
Lá eu quero estar.

De penas de aço,
fazem dos ventos
os seus amigos.

Lá de cima
me olham.

E com isso
os meus sonhos condicionam.

Sim,
quero com o céu estar.
Quem sabe não o vejo?
Lá de cima.
A dificuldade que agora diminuta
Já me fez tanto parar.

Lá em cima
Eu quero estar.

PASSARINHO

Aluno 2017/008 Marcus Tavares da Silva

Certa vez, um passarinho me parou.

Perguntava-me o que eu queria ser quando crescer.
Naquela criança que me habitava,
exclamei a ele que, como Ícaro,
igual a ele queria ser.

Aquele,
visto a minha sequência,
falou a mim bem baixo.
Naquele ouvido juvenil,
que só verdades pensava.

“Queres ser como eu?”
Sem relutar, confirmei

E ele,
visto a minha sequência,
falou de novo bem baixo.
Naquele meu ouvido,
que só verdades pensava.

“Minha nobre criança, por que a tanto te encanta?”
“Só me faço pequeno e vou voar”
Rapidamente respondendo, fui logo retrucar.

“Se o que fazes é voar,
dali vejo a felicidade.
Meu sonho é ser com as nuvens,
e como formigas, ver todos de lá.”

Aquele passarinho,
curioso seguidamente cantou.
Saiu voando, como a minha imaginação.

Mas infelizmente,
do horizonte,
o passarinho não mais voltou.

Segui,
e me fiz.
Agora vejo bem
o que o passarinho foi e se tornou.

VOEJAR DE UMA MENINA

Aluna 2018/004 Maria Luíza Almeida Fontes

Carrinho, bola, peteca,
pique, corda, boneca,
amarelinha, pipa, peão,
casinha, trenzinho, avião.

Ah, o avião...
Sonho de criança
que tem esperança
de uma nação protetora.

Deitar na grama,
pensamentos ao léu,
olhar para o céu
e se imaginar aviadora.

Resgatando vidas,
dando proteção,
vestindo um macacão,
não mais a brincar.

Devaneia sozinha:
“Será que um dia
terei eu a alegria
de um avião pilotar?”

TANGÃO

Aluno Matheus Alves Rollin

T-25 é a aeronave
que alça voos na rotina.
Decola como uma ave,
uma ave de rapina.

Um cadete bem cansado
que um dia aspiro ser,
um cadete bem cepado
para o aspirantado eu viver.

Quando o Tangão decolar
e este cadete o pilotar
poderei dizer que já solei.

Meu cachecol eu vou virar
meu sonho vou realizar
e, para esse fim, eu viverei.

SÓ O COMEÇO

Aluno 2017/026 Matheus Costa de Oliveira

Que bom ver que você não mudou,
te olhar e sentir o que tantos sentiram.
Chegou a minha vez de viver intensamente,
camuflar o medo e a felicidade presente.

Uma só fachada...
Tantos sentimentos.
Inúmeras histórias,
muito mais que uma Escola.

Um lugar onde passado e presente caminham juntos
e o futuro de uma Força Aérea cresce a toda hora.
Berço de grandes amizades e incontáveis lembranças.
Tudo isso em uma só Escola.

Chegado o momento do Adeus
para trás sua estrela vou deixar.
Minhas asas estão prontas para bater
e por onde for te levarei, querida EPCAR.

ATENÇÃO!

Aluno 2017/004 Matheus de Araújo Brum de Souza Guerra

ATENÇÃO! PRIMEIRO ESQUADRÃO ENTRANDO EM FORMA!

Olhar altivo [e assustado], uniforme impecável, cabelo irrepreensível. O rosto para a parede [para fugir do sol] e os pés, ávidos pela marcialidade, viam-se estáticos, como se estivessem presos. O tempo?! Esse não passa!

– Mais um dia sugado – nessa escola! Só quero o terceiro ano! Juro que não vou sentir falta!, diria o bom primeiranista.

– Estou guardado de novo? Desse jeito não vou sustentar! Acho que vou pedir desligamento...

E esse mesmo primeiro ano diz:

– Nossa! Que formatura foi essa! Essa foto vai para o insta. Deixa eu pensar na legenda... Já sei! Vai ser “Daria minha vida por ti! Pátria amada, Brasil.”

E, aos poucos, os olhos assustados davam lugar a cara de mau, típica das fotos no alojamento ou na fachada histórica. Mas uma coisa não mudou:

– E essa semana que não passa?

ATENÇÃO! SEGUNDO ESQUADRÃO ENTRANDO EM FORMA!

– Ué?! Já segundo ano?, diria o pai e a mãe do, agora, segundanista.

Para ele?:

– Nunca fui primeiro ano! Se fui, nem me lembro.

E, mais uma vez, a velha briga com o tempo:

– Não vejo a hora do fim do ano!

Que semana demorada!

E as críticas ao terceiro ano também não podiam faltar:

– Quando eu for terceiro ano, eu vou fazer isso, isso, e isso...

E chega o fim do ano:

– Caramba! Já estão se formando e seguindo para a academia!

Já no HS-100, vendo o terceiro ano comemorando os 100 dias restantes na escola, um lapso de consciência temporal acomete os segundanistas, mas logo passa:

– Que cerimônia! Há pouco tempo eram eles vendo o outro terceiro ano. Passa rápido demais!

– Que nada! Amanhã tem teste! Para de bobeira. Tomara que acabe logo! Tenho que cepear pro teste.

ATENÇÃO! TERCEIRO ESQUADRÃO ENTRANDO EM FORMA!

– Ufa! Tá acabando [o texto também].

- Agora eu mando em tudo!, diria o calouro veterano.
- Nossa! Já passou meu último acampamento nessa escola, diria o mais ansioso.
- Falta tudo ainda, camarada! Estamos em abril!
- Faltam só dois TACFs, GRAÇAS A DEUS!, exclamou o sugueiro.
- Férias! Até que enfim! Mereço!
- E chega o segundo semestre...
- Momentos que não voltam mais!
- Caramba! Últimas PPs! Como o tempo voa!
- Falaram que passa rápido e eu não acreditei!
- Que isso, comissão? Só nove convites?
- Meu Deus! Faltam dez dias! Já bateu a saudade que eu jurei que não sentiria!

TERCEIRO ESQUADRÃO, FORA DE FORMA!
 [GRITO DE GUERRA, uníssono e saudosista]
 MARCHE!

E, agora, toda a pressa e todo anseio pelo fim do ano se transformam em um nó [direito com arremate de pescador duplo] na garganta. As lágrimas são incontroláveis! E mesmo os mais críticos soltam:

– VALEU CADA SEGUNDO NESSA [SAUDOSA] ESCOLA!

Os pés, ora tolhidos de alçar voos, agora viam-se livres [!], calejados, reforçados e prontos para o que vier. Aos que irão para a AFA, é um até logo. Aos que seguirão outros rumos, também não é um adeus.

Somente quando tudo acaba, é que se vê que o tempo passou. Mas eu não mudaria nada. Deixaria tudo do jeito que está. Acho que assim a saudade vale mais a pena.

SAUDADE NA ASA ESQUERDA

Aluno 2017/004 Matheus de Araújo Brum de Souza Guerra

SAUDADE NA ASA ESQUERDA

- 1- FOTOS ANTIGAS..... ABRIR
- 2- VÍDEOS DE TURMA.....ASSISTIR
- 3- OLHOS.....FECHAR
- 4-BONS MOMENTOS.....RELEMBRAR
- 5-AMIGOS.....TELEFONAR
- 6-ENCONTROS.....MARCAR

EM CASO DE A SAUDADE NÃO APAGAR

- 7- MANUAL SENTA A PÚA.....CHECAR
- 8- ENCONTRO DE TURMA.....ESPERAR

“PAGAÇÃO” DE MISTÉRIO

Brigadeiro do Ar Mauro Bellintani

Aluno da EPCAR! Éta fase boa da vida! Agora, ao retornar como Comandante da Escola, pensei em escrever algo relacionado com aquilo que considero mais importante na minha missão: inspirar os jovens de hoje a se manterem firmes na vocação pela aviação. Nesse desafio, imaginei transmitir algumas passagens marcantes da minha trajetória como piloto ou, no linguajar informal, uma boa “pagação de mistério”.

Começo um pouco antes da instrução aérea, com lembranças dos primeiros sinais do desejo de ser piloto, impulsionados por um filme que marcou a minha infância: Guerra nas Estrelas. Mais do que os sabres de luz ou descobrir os lados da “Força”, o que realmente me fascinou foram os combates aéreos – ou espaciais, sei lá – dos caças X-Wing! Ainda sem ter a menor noção de terminologia militar, presenciei o clímax da estória com um ataque estratégico literalmente no interior do inimigo que decidiu o destino do conflito – pelo menos até a continuação da saga! Ainda bem que teve mais!

Confesso que entrei na EPCAR sem saber ao certo o que me esperava. O contato com o voo também era distante naquela época - que bom quando tinha alguma aeronave em sobrevoos no pátio da Bandeira, pois qualquer coisa relacionada a avião era super bem-vinda! Nosso relacionamento com os cadetes era raro, de maneira que a AFA era envolta em mistério.

No meu terceiro ano em Barbacena, outro filme supimpa viria a marcar a minha trajetória: Top Gun, Ases Indomáveis. Visual incrível, trilha sonora pra lá de vibrante. Óculos escuros foram incorporados ao nosso visual de Aluno. Não por acaso, a influência desse filme na procura pela carreira de piloto militar foi tema de artigos científicos nos Estados Unidos e no Reino Unido.

Na chegada a Pirassununga, os dois anos de espera para o início do voo me deram mais maturidade e conhecimento sobre a instrução aérea, de maneira que posso dizer que a expectativa foi bem controlada.

Lembro da ocasião que experimentei o macacão de voo. O tamanho n.2 ficou perfeito, zero necessidade de ajustes no ombro, manga ou barra! Não existe uniforme mais gostoso de se vestir! E dá-lhe velcro em tudo que é lado, para as diversas bolachas espalhadas, cada uma enamorada de modo especial.

A cepa comeu solta na preparação e o resultado veio na confiança para, finalmente, começar a voar. O receio era de que o vento gerado pelas hélices do motor do Tangão logo após a partida – feita com o canopi aberto – pudesse levar o conhecimento embora e prejudicar o desempenho na missão com “apagões” ou nervosismo exagerado, mas o friozinho da barriga era parte do negócio.

Mágicos momentos em que se tem o controle do avião pela primeira vez! Absolutamente indescritível! Nessa fase inicial de pré-solo, o grande mistério era

aprender a pousar. Muita coisa para gerenciar ao mesmo tempo: aproximação estabilizada, altura, ângulo correto, razão de descida, ponto de toque, velocidade, potência do motor, verificações de trem de pouso abaixado, falar com o controlador, computar e corrigir o vento, ..., ufa!

Fui bem até quase o final da fase, composta de doze missões antes do voo de cheque, na época. De repente, na décima missão, não consegui ter constância nos pousos, alternando bons toques com toques bruscos, em função principalmente da altura do paliê, quando o piloto muda quebra o ângulo e a razão de descida para permitir o contato controlado da aeronave com o solo pátrio. Para resumir: o primeiro voo deficiente a gente nunca esquece.

Nada a reclamar do instrutor, que tentou me ajudar. Eu estava verificando corretamente todos os parâmetros – tinha o costume de “cantar” o que estava checando ao instrutor, assim ele podia verificar se a minha atenção estava sendo direcionada para o que mais interessava, de maneira equilibrada. A preparação para a revisão sempre gerava um desconforto a mais e nessa hora o preparo e a confiança na gente são os nossos pontos de apoio.

Durante esses dias entre o voo deficiente e a revisão, em conversa com um outro instrutor, veio a luz – ou a Força do guerreiro Jedi – para um detalhe que faria toda a diferença.

- Para onde você está fixando o olhar na hora do paliê, cadete? Ele me questionou.

- Para o nariz do avião, enquanto recheo os outros parâmetros. A minha resposta foi instintiva, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

- Quem sabe você não projeta a visão um pouco mais para a frente do ponto de toque? Assim talvez você sinta melhor o avião, perceba o terreno ao seu redor e as asas da aeronave com a visão periférica e consiga pousar com mais naturalidade.

Nem tenho como agradecer essa dica que parecia simples. O olhar mais adiante e o “sentir” o avião fizeram toda a diferença não só no Segundo EIA, mas em toda a minha carreira de piloto. O restante do curso continuou sendo desafiador, exigindo muito de todos nós, mas foi vencido com um crescente de confiança e humildade para saber que havia MUITO a aprender.

Com o T-27 vieram o gosto pela máscara de oxigênio e o assento ejetável que me acompanhariam por anos, tudo em uma incrível aeronave brasileira. Após passar pelo último voo avaliado na AFA, a sensação de conquista – e alívio! - foi fantástica, tirei um baita peso das costas, mas sabia que a avaliação nas missões seria algo que nunca me abandonaria.

Para encurtar a estória, rápidas pinceladas da carreira como piloto: como aspirante fui apresentado aos Jatos e ao emprego de armamento aéreo com o nosso saudoso Xavante. Depois houve a passagem para os Supersônicos, onde no F-5 do Esquadrão Pampa atingi o topo da cadeia alimentar dos bichos alados: ninguém se mete no nosso espaço aéreo! Na sequência, aprendi muito com a aviação de transporte, no trabalho em equipe, tripulações grandes, cada um especialista na sua função: pilotos, mecânicos, radiotelegrafistas, comissários de bordo. O presente de

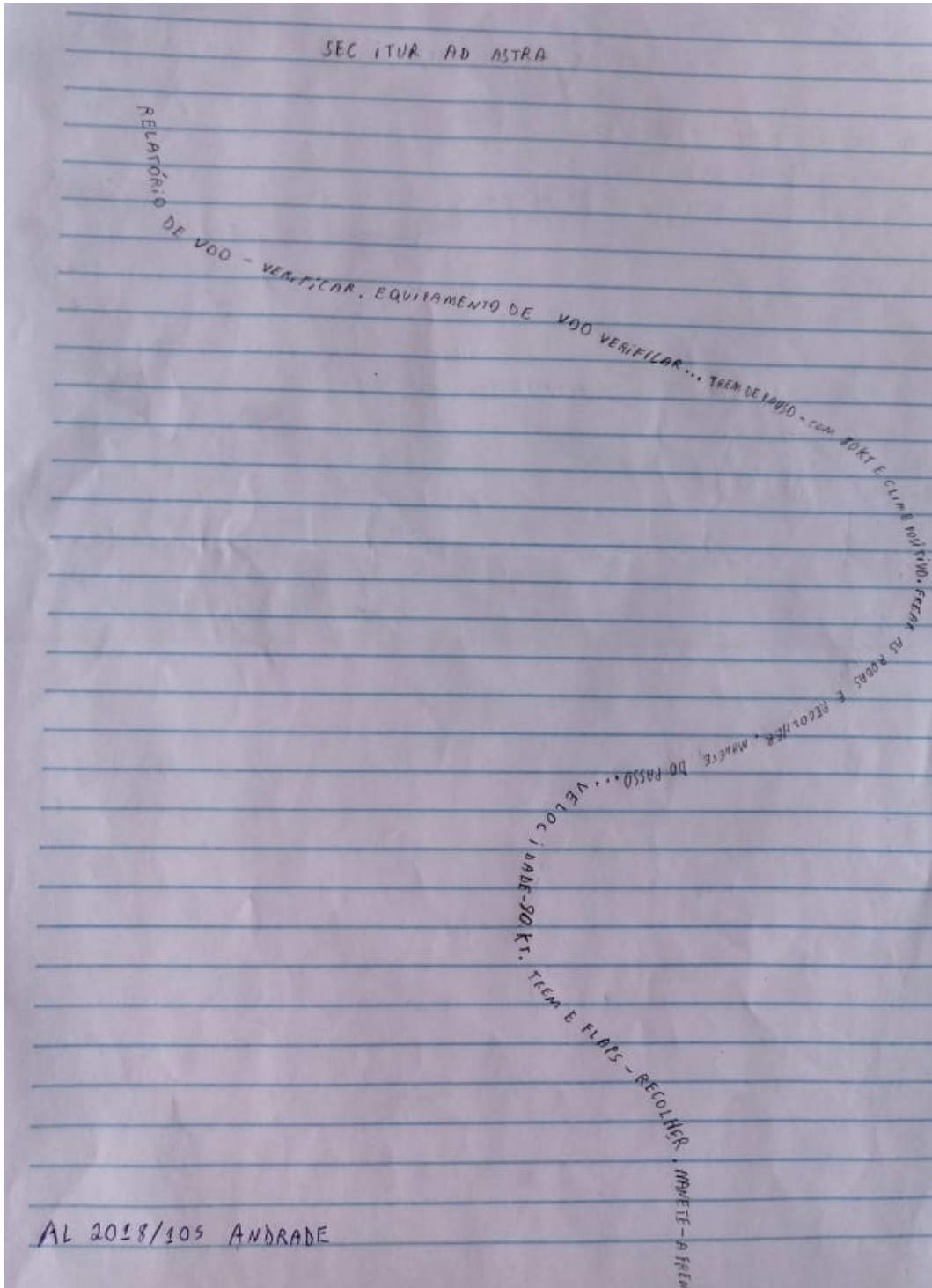
comandar um Esquadrão de Caça veio acompanhado da responsabilidade de liderar jovens pilotos em outra incrível aeronave, o moderno Super Tucano, com tecnologia de ponta que exigiu de mim muita cepa, mais uma vez.

Cada passagem acima me traz ricas lembranças e aprendizados que renderiam páginas e mais páginas de estórias que me marcaram muito, mas isso é papo para, quem sabe, outra “pagação de mistério”.

Voos cada vez mais altos aos nossos Alunos da EPCAR. Que possam descobrir, cada um a sua maneira, que pilotar vale toda a dedicação! Sintam a aeronave e projetem o olhar mais adiante! Bom voo solo a todos!

SIC ITUR AD ASTRA

Aluno 2018/105 Pedro Rafael de Andrade



SALVO VIDAS!

Sargento Ronald de Souza Leão

Dizem por aí que temos que tomar cuidado com nossos sonhos, pois eles podem se realizar. Tudo começou na mais linda tenra infância, uma sensação estranha e diferente de ajudar. Morava bem distante da cidade em uma cidadezinha com pouquíssimos habitantes. Era um local bem simples com poucas casas, mas com uma natureza inspiradora e agradável. Minha casa ficava em um vale cercado por montanhas, com grandes árvores localizadas em uma densa e majestosa floresta. No alto passava uma linha férrea cujos trens passavam sempre de madrugada. Às vezes, ficava imaginando de onde vinham e para onde iam. Uns 200 metros de casa tinha belo lago cristalino onde me refrescava nas tardes de verão e ao lado havia uma árvore onde costuma ler depois que me refrescava. Época de infância maravilhosa na qual o contato com a natureza me fez entender um pouco sobre as emoções positivas. O meu pai era uma pessoa muito simples, sem vícios, com pouco estudo, mas com uma sabedoria que vinha da prática diária. Em nossa horta, chás e plantas de todos os tipos abundavam por todo o terreno. Cheiros deliciosos de lavanda e marcela perfumavam a casa e quase todos os dias passavam pessoas na porta de casa pedindo chás, não me lembro de meu pai ter negado um único dia aos que pediam. Era impressionante seu cuidado com a natureza, mesmo rodeado por matas frutíferas ele sempre mantinha um ou dois pés de mamões para os pássaros passarem por lá. Até parecia que eles agradeciam com seus cantados tal iniciativa, pois era rotineiro eles comerem as frutas e depois pararem sobre o telhado do curral para cantar. Sempre quando dava, meu pai me levava no alto da montanha onde passava os trens para ver o pôr do sol. Ele ficava longos minutos olhando para o astro-rei sem dizer uma só palavra, mas seu silêncio sempre me disse muito – sabia que contemplava o mistério da existência. Ao descermos da montanha sempre dialogávamos, sua voz era serena e pausada, um alento pairava na minha consciência ao ouvi-lo e meus ouvidos se regozijavam por cada palavra. Ele me dizia: “filho, uma pergunta sempre temos que fazer: pessoas estão sendo beneficiadas com nossa existência? Ou apenas passamos por esse mundo sem deixá-lo melhor do que encontramos?” Esses dois questionamentos retumbavam em meu interior com uma força que me faziam tremer ainda que pequeno e sem entender esse sentimento.

Acordávamos de madrugada para tirar leite da vaca e raramente ele precisava me acordar. Meu irmão mais novo resmungava quando acordado, mas depois seu humor ia melhorando na medida que o sol ia nascendo. Logo depois que chegávamos com o leite eu e meu irmão íamos buscar a lenha, meu pai cortava as lenhas e minha mãe preparava o almoço. Assim minha vida era levada na mais serena calma e alegria, pois no final do dia ia com meu irmãos e amigos brincar de futebol no campo. Quando chegávamos do futebol íamos tomar banho com serpentina e com a janta já preparada. Calma e com um sorriso contagiante, minha mãe só perdia a calma

quando eu e meu irmão entrávamos com o pé sujo na sala limpa com tanto carinho e cuidado por ela. A sala ficava sempre cheirosa com os perfumes da lavanda e marcela. Sempre mantinha um belo vaso de flores na sala e a visitas não queriam sair dali quando chegavam. Meu pai sempre chamava uns amigos para tocar violão e cantar em volta do fogão a lenha no fim da tarde e início da noite. Às vezes pairava em minha mente e coração que passaria o resto de minha vida ali, a seguir os caminhos de meu pai. Mas um fato mudou minha vida e sobre permanecer naquele lugar.

Era uma linda tarde de inverno, estava voltado com um feixe de lenha que acabara de apanhar, quando velozmente um objeto, que depois fiquei sabendo que era um helicóptero, passou desgovernado por mim. Aquela visão me atordoou, pois um enorme barulho saíra daquela aeronave, bem como uma fumaça branca que já a encobriria. Logo após passar por mim, escutei um enorme barulho. Sem titubear, deixei o fecho de lenha e corri como nunca para o suposto local da queda. Mas, em seguida passou um outro helicóptero bem maior com pessoas com a metade do corpo para fora expiando para baixo, possivelmente procurando o local da queda da outra aeronave. Majestosamente, a aeronave pairou sobre o local da queda e vi homens descendo por uma longa corda. Cheguei junto a esses homens que me pediram para se afastar do local, mas fiquei escondido por debaixo de um tronco seco de árvore e vi a valentia com que aqueles homens avançavam por entre as matas para abrir espaço para a ajuda ao outro objeto voador. Meus olhos brilhavam e aquela sensação de tremor tomou meu corpo e minha consciência se ativou com uma sensação que nunca mais ia esquecer. Finalmente o helicóptero foi encontrado e a rapidez do resgate vou decisivo para encontrar as pessoas com vida. Na hora em que estavam preparando para ir embora não pude me conter, pulei por sobre o tronco de árvore e avancei sobre um senhor e agarrei na cintura dele e não sai dali até me dizer de onde eles viam e o que faziam. Diziam-me que vinham da capital e que era de um Esquadrão de Busca e Salvamento. O senhor era de uma simpatia reluzente, deu-me um folder explicando a missão do esquadrão. Logo pedi a meu pai para ir a cidade mais próxima e ligar para o telefone que estava indicado, mas meu pai disse que aquilo não era para mim, pois era impossível uma criança daquele lugar conseguir estudar em um local tão longe. Ele não entrou mais em detalhes então pedi a minha mãe, que se prontificou a ir a cidade e ela me levou junto. Uns metros de chegar ao orelhão vi um aviso: Curso Preparatório para carreira de Aviador. De imediato puxei os braços de minha mãe para dentro do estabelecimento. Chegando lá uma moça muito mal humorada nos atendeu nos dizendo que não tinha nada para nos dar, mas minha mãe enfatizou que só queria explicações. Então, explicou-nos que era um corpo que preparava para um Colégio Militar que se chamava EPCAR onde preparavam jovens para carreira de aviador. Deu-nos também o valor que era impossível de pagar já que não tínhamos renda nenhuma. Mas, como meu pai sempre dizia: quando estávamos dispostos a fazer o bem, a ajuda sempre vem! Ao sair da sala cabisbaixos, um homem veio no fim do corredor e nos gritou para aguardar um pouco. Ele nos reconheceu e nos disse que já fora a nossa casa buscar um chá para

seu filho que estava muito doente e por conta desse chá o seu filho foi curado. Perguntou-nos o que estávamos fazendo ali e lhes respondemos, dizendo-lhe que não tínhamos dinheiro para pagar o cursinho. Logo a resposta surpreendente veio de sua boca: não precisam pagar nada, pois meu pai o havia ajudando na hora que mais precisava. Enchi-me de esperança e regozijo, porém não fazia a menor ideia sobre a dificuldade que ia enfrentar para realizar meu sonho.

A primeira etapa foi vencida, conhecer a bolsa de estudos. As maiores dificuldades eram: ter que andar quilômetros para chegar ao local, estudar à luz de lamparina e o cansaço, mas a pior a dificuldade foi ter que enfrentar o bullying, pois sempre chegava com cheiro de fumaça, já que em minha casa não tinha fogão a gás, só a lenha. Mas minha vontade de ser um aviador da Força Aérea era maior que as dificuldades e por isso triunfei. No dia da prova estava bem calmo, minha mãezinha preparou um belo café da manhã e fomos para a capelinha que tinha ao fundo de casa e lá oramos e dizemos que tudo fosse conduzido segundo a vontade do Criador. Estava bem tranquilo na prova e uma certeza de sucesso pairou em minha mente e ansiedade do resultado me atingiu. No dia do resultado, resolvi ir para debaixo da árvore que fica ao lado da lagoa, sentei-me por alguns minutos e fechei os olhos e um silêncio delicioso me tranquilizou. Ao longe vi um rapaz vindo em minha direção com sorrisos nos lábios, certamente seus pensamentos estavam mais acelerados que sua perna em cima da bicicleta, quando se aproximou de mim, jogou-a no chão e foi me dar um abraço e me parabenizou, sabia que tinha passado.

Quando chegamos na porta da EPCAR, fomos muito bem recepcionados pelos Graduados e Oficiais e quando passamos em frente do Prédio do Comando um assombro me tocou profundamente, pois vi aviões e o helicóptero, o mesmo que havia visto tempos atrás voando sobre mim e ajudado a fazer o resgate das pessoas na mata em um acidente de uma aeronave. Após a apresentação da rotina fomos aos alojamentos, rancho, passamos pelo hospital e tivemos uma conversa no auditório com o Comandante do Corpo de Alunos o qual nos incentivou bastante com sua palestra sobre a vida de aluno. Na despedida, muitos pais choravam e minha mãe derramou uma tímida lágrima. Logo em seguida, fomos conduzidos ao rancho e comecei entender um pouco da rotina diária de aluno da EPCAR, comecei a entender também o significado da solidão. Na verdade, durante o dia, pouco me lembrava dela, pois a rotina era puxada e quando menos percebia já era sexta-feira e tinha a vantagem de ir para casa, pois minha casa ficava somente a 3 horas de distância.

Quando o toque da alvorada tocou, já estava acordado, pois sempre fui acostumando a madrugar, mas quando olhei para o alojamento muitos se despertavam com dificuldades e assustados. E assim foi a rotina de aulas, formaturas, rancho, educação física, provas e mais provas, sempre levava para casa o material de estudo; coitados de meus pais que não entendiam absolutamente nada, mas era a simplicidade deles que me fazia amá-los. Na tarde de domingo me despedia dos meus pais e ia para a estrada vendo ao longe o belo pôr do sol no horizonte. A rotina era desgastante, mas depois de alguns meses me veio a compreensão de que só damos valor as coisas obtidas com sacrifício. O primeiro ano já estava finalizando quando recebi a notícia

que viria um integrante do Esquadrão de Busca e Salvamento fazer uma palestra no cinema. Para minha belíssima surpresa, o tenente que veio ministrar a palestra foi o piloto do helicóptero que fez o resgate perto de casa. Durante a palestra não tive dúvida em que esquadrão eu serviria e a motivação principal era ter a oportunidade de salvar vidas e ser útil. Depois do término da palestra, foi aberta a oportunidade de perguntas e eu fui um do que levantou a mão e para minha alegria o tenente me reconheceu e me chamou à frente para que todos pudessem saber da minha história e em seguida me deu um caloroso abraço e disse estar me esperando no Esquadrão. Obviamente que aquele foi um incentivo e tanto e durante o restante do primeiro ano sempre me lembrava do convite daquele oficial.

Os anos estavam passando muito rapidamente e estava no segundo ano, a rotina já não era tão sufocante e já me imagina no terceiro ano e depois na AFA. Aos poucos a imaginação foi se concretizando, chegou o terceiro ano e um aperto estranho no coração. As lembranças das amizades que fizera, dos professores que me ensinaram e todos os militares que me ajudaram. Enfim chegou o momento de partir e seguir meu rumo e sonho. Consegui me formar e depois das merecidas férias chegou o momento de ir para AFA. Também os quatro longos anos não foram tarefa fácil. Meus esforços valeram a pena e meu sonho se concretizou e fui para o tão almejado esquadrão de busca e salvamento. Cheguei como tenente e aquele oficial que havia me inspirado tanto no resgate como na palestra já era Major, ficou feliz.

Em uma bela manhã de primavera, o alarme tocou e mais que depressa me aprontei e fui imediatamente para o helicóptero. Recebemos instruções de que um avião de pequeno porte havia caído em um estado vizinho. Nervoso pelo meu primeiro acionamento, encontrei a tripulação calma e um suboficial que me deixava tranquilo pelas suas 4000 horas de voo. Em voo recebi ordem para parar em uma vila, o tempo fechou e não podíamos seguir adiante. As pessoas dali nos receberam muito bem e recebemos ordens de permanecer ali até retomar a missão. Quando estava caminhando em direção à aeronave, uma criança pegou em minhas mãos e me perguntou o que eu fazia e lhe respondi olhando em seus belos olhos inocentes: SALVO VIDAS!

LIBERDADE DE VOAR

Aluna 2018/064 Stephany Sobral da Conceição Bento

I) A arte de voar é acreditar que algo distante é possível. É abrir mão das coisas que mais gosta. É continuar tentando mesmo quando parece ser impossível. E a liberdade de poder sonhar em chegar aos céus.

II) A arte fez com que o homem pudesse sonhar em ser como pássaros e estar entre as nuvens vistas diariamente. Porém, somente a arte de voar dentro de cada guerreiro trouxe a confiança e a dedicação para que o impossível se tornasse possível.

O CÉU É NOSSO LAR

Aluno 2018/088 Willian Gustavo de Oliveira dos Santos

Somos feitos de sonhos
Somos feitos de esperança
Somos aqueles que entre as nuvens
O pensamento alcançam

Uma máquina de guerra
Mais pesada que o ar
Nos traz a sensação
De que o céu é o nosso lar

Aquele que uma vez voou
E por entre as nuvens se achou
Agora não consegue mais caminhar
Sem para os céus olhar

Não temos asas como os pássaros
Não somos mais leves que o ar
Mas temos o necessário
Um coração desejoso de voar

Vamos, filhos altivos dos ares,
Nosso voo ousado alçar
Com o coração e mentes fortes
Vamos viver a arte de voar

MISSÃO DOS ALTIVOS

Aluno 2018/081 Yuri Alekseyevich de Araújo Batista

A arte de voar
do homem a maior ambição.
A arte de sonhar,
poder planar com o coração.

Sempre lá no alto
os vetores cumprem sua missão,
num audaz salto,
guerreiros aterram ao chão.

Não só dos condores emana sucesso,
especialista é aquele que permanece,
que a sagrada missão reconhece
e nos aponta a ordem e o progresso.



